Data: 12.03.2020
Titulo: ESTADO DE EMERGÊNCIA NACIONAL
Pub: SÁBADO
Tipo: Revista Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 1;6;36;37;38;39;40;41

Área: 7830cm²/ 150%
Tiragem: 100.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6770856

Especial

COVID-19: UM PAÍS EM ALERTA

Há escolas e universidades fechadas, hospitais sem visitas e prisões com medidas de contenção

Data: 12.03.2020
Titulo: ESTADO DE EMERGÊNCIA NACIONAL
Pub: SÁBADO
Tipo: Revista Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 1;6;36;37;38;39;40;41

Área: 7830cm²/ 150%
Tiragem: 100.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6770856

Destaque

EPIDEMIA DO CORONAVÍRUS

SAÚDE ESTADO DE EMERGÊN EDUC AMEAÇA P GOVE

Por **Lucília Galha**, **Marco Alves** e **Margarida Davim**

Terça-feira, 10 de março. O Hospital de Aveiro recebe um caso suspeito de coronavírus e liga para a linha SNS24 para o validar. Às 12h30, o profissional de saúde tentou 15 vezes. Ninguém atendeu. Fez uma nova tentativa para a chamada Linha de Apoio ao Médico. Mais 17 chamadas. Mas também não teve resposta. Cerca de uma hora depois, às 13h30, novo caso suspeito, no mesmo hospital. Outro médico tenta ligar 12 vezes para a linha SNS24. Também não teve resposta. Até ao fecho desta edição, os profissionais de saúde continuavam à espera. Razão: mesmo para serem transferidos para Lisboa pelo INEM, é preciso antes a validação do caso.

Não foram os únicos casos desse dia. Eram 10h30 quando Soraia Simões pegou no telefone. Esperou 1h e 35 minutos que alguém do outro lado da linha a atendesse. À quinta tentativa, conseguiu, mas a chamada não durou. A operadora recolheu o seu número de utente e disse-lhe que ia transferir a chamada a um colega. Depois a chamada caiu. "Quando tentei ligar de volta, acabei por desistir, estava sempre ocupado", conta. A professora universitária está com dores no corpo "e todos os sintomas de gripe menos febre", dá explicações e tem ido a conferências.

Não é só a linha SNS24 que está a falhar, também há falta de médicos e enfermeiros no SNS, não há máscaras e restantes equipamentos de proteção em quantidade suficiente e poderá também não haver camas para todos os doentes que precisarem — nem sequer cuidados. Mais:

Data: 12.03.2020
Titulo: ESTADO DE EMERGÊNCIA NACIONAL
Pub: SÁBADO
Tipo: Revista Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 1;6;36;37;38;39;40;41
Área: 7830cm²/ 150%
Tiragem: 100.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6770856

O mundo está na iminência de uma pandemia. É uma questão de dias, preveem os especialistas. Em Portugal, poderão faltar camas, ventiladores e até médicos para todos os doentes que vierem a precisar e dois milhões de alunos podem ser mandados para casa.

CIA AÇÃO ARAR PORTUGAL RNO

há escolas por todo o País a fechar e eventos a serem cancelados. E até a comissária europeia da Saúde, Stella Kyriakides, já avisou que "os próximos dias serão críticos" e que o risco de contaminação é elevado. Apesar de a situação em Portugal estar ainda longe do que se passa, por exemplo, em Itália – até ao fecho desta edição, na terça-feira, 10, dos 41 casos confirmados todos estavam estáveis à exceção de um.

que inspirava cuidados –, as coisas poderão mudar muito rapidamente. "Estamos no limiar da pandemia. É uma questão talvez de dias", acredita Lúcio Meneses de Almeida, presidente da Associação Nacional de Infeção Hospitalar. E vai mais longe. "Ou há um investimento muito forte em termos de recursos e meios, sem constrangimentos orçamentais, ou a propagação não será travada", admite à **SÁBADO**.

OS MÉDICOS PODEM TER DE ESCOLHER QUEM VÃO TRATAR

No Hospital de Santa Maria não foram só as máscaras que começaram a faltar, também os dispensadores para desinfetar as mãos, que existiam por todo o hospital, desapareceram. No início do mês, quando o vírus ainda estava na eminência de chegar a Portugal, doentes, visitas e até mesmo funcionários esgotaram o *stock* destes equipamentos – o que aconteceu não só pelos hospitais do País, mas também em vários centros de saúde. É por isso que, neste momento, e para evitar que a situação se repita, o material está a ser racionado. "Antigamente, à porta dos blocos havia aqueles dispensadores com máscaras, agora temos de as pedir à enfermeira", conta à **SÁBADO** o obstetra Alexandre Valentim Lourenço. Contudo, as encomendas que estão a ser feitas não chegam sequer para uma semana.

No início da semana, vários hospitais do País, entre os quais o Centro Hospitalar de Lisboa Norte e o IPO de Lisboa, anunciaram a suspensão das visitas aos doentes, e também cancelaram os eventos formativos, científicos ou de divulgação. No entanto, procedimentos básicos que podem contribuir para a propagação do vírus, como o controlo biométrico dos profissionais de saúde, continua em vigor em alguns destes sítios. "É um contacto desnecessário", alerta.

"Nem Portugal, nem a Europa estavam preparados para isto", acredita o antigo ministro da Saúde, Fernando Leal da Costa. Um dos principais problemas é a falta de recursos que existe no SNS, já que não fomos capazes de "formar médicos a contar com as aposentações e tam-

Data: 12.03.2020
Titulo: ESTADO DE EMERGÊNCIA NACIONAL
Pub: SÁBADO
Tipo: Revista Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 1;6;36;37;38;39;40;41
Área: 7830cm²/ 150%
Tiragem: 100.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6770856

QuickCom comunicação integrada

Destaque

bém não temos médicos internistas e intensivistas suficientes", diz. Mas nada disto é novo. "O desinvestimento no SNS tem vindo a acontecer nos últimos anos e continuam a fechar serviços por todo o País por falta de pessoal. Além das grávidas que continuam a circular pelas maternidades de Lisboa", alerta Jorge Roque da Cunha, do Sindicato Independente dos Médicos. Mais: se, em última análise, os médicos e enfermeiros adoecerem não conseguem tratar os doentes, daí ser preciso reforçar os recursos humanos.

O Plano de Contingência nacional, que foi conhecido esta segunda-feira, 9, ao fim do dia, chegou tarde, acusam os especialistas. "Começou-se a construir a casa pelo telhado", diz o médico de Saúde Pública Lúcio Meneses de Almeida. A estratégia devia ter começado a ser delineada em dezembro, quando o vírus apareceu na China, acredita.

O documento de 80 páginas determina o que fazer e que meios devem ser mobilizados em cada fase da epidemia. Foram estabelecidas três fases de resposta: a amarela (contenção), a laranja (contenção alargada, quando já há casos importados) e a vermelha (mitigação, dividida em dois níveis: no primeiro, existência de casos secundários e, no segundo, transmissão comunitária). Até ao fecho desta edição, na terça-feira, 10, não existia ainda transmissão comunitária. Mas, segundo vários especialistas ouvidos pela **SÁBADO**, estaremos prestes a passar para a fase de mitigação. "Hoje [na passada terça-feira, 10], houve um doente que foi transferido da CUF Descobertas para o Curry Cabral, um caso positivo, e que tinha vindo de Espanha", conta Alexandre Valentim Lourenço.

Já a pensar nessa próxima fase, a DGS anunciou na terça-feira que poderiam ser instaladas tendas de campanha nalguns hospitais do País – locais onde se possa fazer a colheita do sangue para análise –, e que o INEM poderá também ir fazer estas análises a casa das pessoas.

Outra decisão tardia teve a ver com os testes de diagnóstico do vírus, que foram inicialmente centralizados em apenas dois sítios no país, o Instituto Ricardo Jorge e o Hospital de São João, no Porto. Atualmente, dos 10 hospitais de referência já definidos por todo o País, há já sete com laboratório e capacidade para fazer estes testes, assim como dois laboratórios adicionais (em Évora e na Madeira).

"Mas já deviam estar disponíveis em todos os hospitais do País", considera o antigo ministro da Saúde, Fernando Leal da Costa. "Já que o tempo que se pode perder no circuito é precioso", diz Roque da Cunha. Contudo, também há laboratórios privados onde é possível fazer o teste, que custa até 200 euros.

O PAÍS VAI ENTRAR NA FASE VERMELHA DO PLANO DE CONTINGÊNCIA, UM DOS MAIS GRAVES

ESTELA SILVA/LUSA

Há médicos que estão a atender os doentes por telefone para evitar a contaminação

PAULO DUARTE

Problema: não há só coronavírus

Já quanto à capacidade de resposta, se os casos dispararem e muitos doentes precisarem de receber cuidados intensivos, provavelmente alguma coisa vai falhar. "Se cada um destes casos confirmados infetar três pessoas, daqui a uma semana teremos 300 a 400. Destes, 10% serão graves. Entre 40 a 50 graves, o nosso sistema responde bem, agora 4 mil não consigo responder", alerta o presidente da Secção Regional Sul da Ordem dos Médicos. Mesmo que se consigam ventiladores para, por exemplo, mil doentes, "isso terá um impacto no cuidado dos outros", alerta Fernando Leal da Costa. Coisas como acidentes de viação ou cirurgias programadas. "O problema em Itália é esse, as pessoas não adoecem só por coronavírus e esses problemas não vão desaparecer."

Além dos ventiladores, os quartos

Data: 12.03.2020
Titulo: ESTADO DE EMERGÊNCIA NACIONAL
Pub: SÁBADO
Tipo: Revista Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 1;6;36;37;38;39;40;41
Área: 7830cm²/ 150%
Tiragem: 100.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6770856

Os hospitais de campanha, como este no São João, no Porto, vão tornar-se comuns nos próximos tempos

de pressão negativa também poderão não ser suficientes já que, neste momento, estão preenchidos com pessoas com doenças altamente contagiosas, como tuberculoses resistentes. "Se forem precisos neste contexto do coronavírus teremos de pôr estas pessoas na comunidade, o que constitui um risco", diz Alexandre Valentim Lourenço.

Segundo o gabinete de estatísticas da União Europeia, o número de camas de cuidados intensivos está abaixo da média europeia e também de países como Itália, França, Espanha ou Alemanha. Estima-se que o rácio seja entre sete a oito por 100 mil habitantes. Acresce o facto de haver meios de ventilação obsoletos ou não operacionais. Tendo em conta que a doença, nos casos de maior gravidade, pressupõe duas a três semanas de cuidados intensivos e ventilação até a recuperação, pode não haver mesmo resposta. "Mesmo no Norte de Itália, que é um sistema de saúde estruturado, dos melhores da Europa, há doentes a serem ventilados nos corredores", diz à **SÁBADO** Jorge Roque da Cunha. Ou situações em que só existe um ventilador para quatro doentes e "os médicos têm de escolher a quem o dar", conta Alexandre Valentim Lourenço.

O Plano de Contingência prevê que, no pior dos cenários, todos os hospitais do País, de segunda e terceira linha, assim como os privados e sociais, admitam e tratem doentes da sua área de referência. Contudo, a Direção-Geral de Saúde acredita que entre 80 e 90% dos casos de covid-19 terão apenas sintomas ligeiros "e não irão necessitar de cuidados em regime de internamento ou cuidados intensivos".

Para colmatar as falhas nas linhas telefónicas está previsto um reforço da linha de apoio ao médico, inclusive com médicos aposentados, o que, segundo a DGS, acontecerá "em breve". Mas não especificam quando. Neste sentido, a Ordem dos Médicos lançou esta terça-feira um apelo para recrutamento de profissionais que queiram colaborar neste serviço e a DGS também confirmou que estes profissionais vão receber uma compensação.

Além disto, a **SÁBADO** sabe também que está previsto, num despacho do *Diário da República* que está só à espera de ser publicado, um reforço dos medicamentos, dispositivos médicos e equipamentos de proteção individual de 20%. Da lista constam sobretudo antibióticos de largo espectro e outros medicamentos usados no tratamento, por exemplo, da gripe, assim como as máscaras e os *kits* para os testes rápidos de despiste do coronavírus.

Também está a ser ponderada a desmarcação de consultas e exames não urgentes. Há médicos na

Testes

Despiste demora até 5h a estar pronto. Já existem mais rápidos no mercado, mas não estão disponíveis em Portugal

O NÚMERO DE CAMAS PARA CUIDADOS INTENSIVOS EM PORTUGAL ESTÁ ABAIXO DA MÉDIA DA UNIÃO EUROPEIA

O que deve fazer para se proteger

Até os telemóveis têm de ser lavados com frequência. Saiba que conselhos seguir

Lavar bem as mãos com sabão significa esfregá-las durante mais de 20 segundos, sem esquecer os polegares, as unhas e entre os dedos.

Repita a lavagem várias vezes ao dia: depois de sair de um transporte público, se esteve em algum espaço público como supermercados, cinemas, lojas, museus e também no local de trabalho.

Evite tocar na cara com as mãos. Tenha junto de si uma caixa com lenços e sempre que precisar de coçar o nariz, afastar um cabelo ou uma pestana do olho use um lenço.

Não cumprimente com beijos ou com passou-bens. Faça antes um movimento com a cabeça ou acene com a mão. Está a proteger-se a si e aos outros.

Mantenha uma distância até dois metros de pessoas que estejam a espirrar ou com tosse. Podem estar com gripe e não com covid-19, mas também podem estar infetadas sem o saber.

Se pensa que alguém próximo está infetado mantenha uma distância de dois metros e não permaneça numa sala fechada durante mais de 15 minutos. E ligue para a linha SNS 24 – 808 24 24 24.

Se viajou num avião em que se confirmou a presença de um passageiro com covid-19 e estava a menos de duas cadeiras dele é considerado um caso de alto risco de exposição. Informe a DGS e fique em quarentena.

Esteja preparado para ficar em isolamento social e armazene alguns produtos alimentares essenciais para 14 dias.

Data: 12.03.2020
Titulo: ESTADO DE EMERGÊNCIA NACIONAL
Pub: SÁBADO
Tipo: Revista Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 1;6;36;37;38;39;40;41
Área: 7830cm²/ 150%
Tiragem: 100.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6770856

QuickCom comunicação integrada

Destaque

região de Lisboa que, de forma proativa, começaram a fazer estas consultas pelo telefone e a prescrever a medicação necessária pelo telemóvel, para evitar o contacto com os doentes. "Nesta fase, temos de ser cautelosos. Do ponto de vista do controlo da infeção esta medida faz sentido", diz Lúcio Meneses de Almeida.

A primeira barreira

Apesar de o primeiro passo para casos suspeitos dever ser o contacto não presencial através do SNS24, os cuidados de saúde primários são uma primeira barreira para os potenciais doentes. E, além do problema da falta de equipamentos, que também existe nos hospitais, não há capacidade para haver uma sala de isolamento, "ou aquelas que existem são coisas improvisadas", diz à **SÁBADO**, Jorge Roque da Cunha. Na passada terça-feira, um utente com sintomas de coronavírus esteve mais de 4h no Centro de Saúde de São Sebastião, em Setúbal. Esperava pelo transporte para um hospital de referência. Também na Charneca de Caparica, uma pessoa esteve pelo menos 9 horas numa sala de isolamento do centro de saúde, porque a Linha de Apoio ao Médico não dava resposta. A **SÁBADO** sabe que às 21h26, um médico, uma administrativa, uma enfermeira e um segurança ainda continuavam na unidade a fazer telefonemas para obter resposta.

Ninguém está preparado para uma pandemia, acredita o profissional. "É um cenário de guerra e de exaustão", descreve. No pior dos cenários pode haver uma rutura total dos serviços, bens essenciais em falta, insegurança na população. "Se os profissionais de saúde e as forças de segurança forem afetados há uma disrupção de serviços." Mas, esclarece: embora real, "é um cenário-limite para o qual nenhum país está preparado."

Contudo, ressalva também Leal da Costa, é preciso evitar o pânico. "Ainda estamos a tempo de controlar o pico e impedir que a epidemia seja catastrófica", diz.

VITOR N GARCIA

As escolas públicas têm autonomia para decidir. Podem ser adotadas medidas diferentes para recuperação das matérias

AULAS À DISTÂNCIA E EXAMES EM RISCO

Dos 385 mil estudantes do ensino superior, mais de metade estão já sem aulas a esta data. A vaga de encerramentos temporários começou no início da semana e, além de aulas, inclui bibliotecas, salas de estudos, associações de estudantes, etc. É possível que o fecho das instalações se generalize e a magnitude deste facto só encontra paralelo em 1974 e 1975, quando o caos administrativo e político do País manteve as universidades fechadas.

Todas as faculdades de Medicina foram encerradas por decisão do Conselho Nacional de Escolas Médicas, afetando 12.500 alunos.

Assim que foi divulgado que a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa iria encerrar, todos os espaços foram imediatamente fechados, e inclusive cadeiras e mesas removidas, por exemplo no Egas Moniz, um dos edifícios de ensino da Universidade de Lisboa. Contudo, mesmo depois disto, e tendo em conta que a DGS está a desaconselhar todos os eventos públicos, realizou-se na tarde de terça-feira, 9, uma conferência de Biologia, com convidados internacionais no auditório Lobo Antunes – "um auditório que os estudantes frequentam", diz à **SÁBADO** uma aluna da faculdade.

Os encerramentos foram generalizados na capital: Universidade de Lisboa, Nova, Católica, ISPA e Lusófona, entre outros. As universidades de Coimbra e do Minho suspenderam também as aulas. O que se mantém aberto à hora de fecho desta edição? Os politécnicos (exceto alguns casos no Norte) e as universidades do Porto, Trás-os-Montes e Alto Douro, Covilhã, Aveiro, Algarve, Açores e Madeira. Apenas suspendem até agora algumas atividades

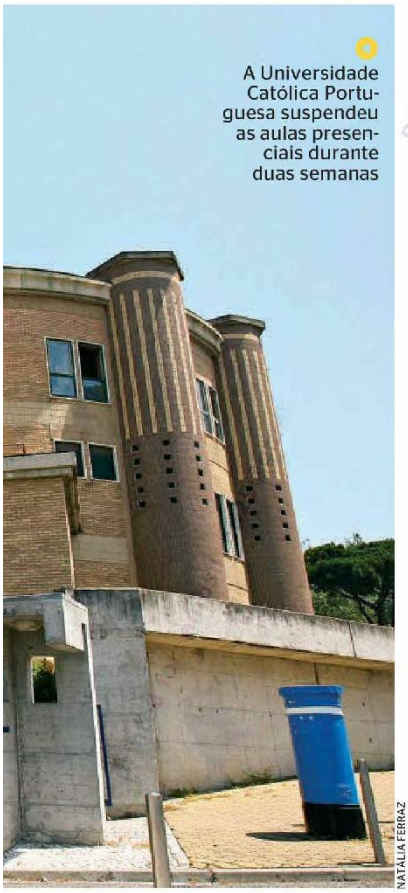
ESTÁ A SER PONDERADA A DESMARCAÇÃO DE CONSULTAS E EXAMES NÃO URGENTES

Data: 12.03.2020
Titulo: ESTADO DE EMERGÊNCIA NACIONAL
Pub: SÁBADO
Tipo: Revista Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 1;6;36;37;38;39;40;41
Área: 7830cm²/ 150%
Tiragem: 100.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6770856

desportivas, culturais e de lazer.

O ensino à distância está a ser a solução para a maior parte das universidades que tomaram a decisão de suspender as aulas presenciais. "Cada instituição tem de ter uma estratégia, que pode passar por ensino à distância, por alterar calendário letivo. Mas estão preparadas", diz o presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) Fontainhas Fernandes, admitindo que os reitores têm "trocado experiências", mas que não há propriamente diretivas do organismo a que preside para lidar com a covid-19. "Há organização, há uma estratégia de comunicação e um plano de contingência. O que importa é comunicar bem e que não se crie contrainformação."

"Todas as instituições de ensino privado estão preparadas para o ensino à distância", declara Miguel Copetto da Associação Portuguesa do Ensino Superior Privado, garantindo que esse instrumento será essencial "porque todas as aulas suspensas terão de ser compensadas". A dúvida é saber como se poderão realizar os exames se esta situação se prolongar. "Falar de exames ainda é muito prematuro", comenta.



A Universidade Católica Portuguesa suspendeu as aulas presenciais durante duas semanas

NATÁLIA FERRAZ

Uma das preocupações dos reitores são os alunos estrangeiros e os portugueses em Erasmus. "Cada instituição tem uma listagem destes alunos e está a haver uma monitorização", assegura Fontainha Fernandes, que diz que na UTAD, onde é reitor, se está a aconselhar o adiamento da vinda dos alunos em zonas consideradas de risco. "Há o caso de uma estudante chinesa que quer vir para cá para um curso de Português e estamos a aconselhá-la a adiar o curso", conta o reitor. "Todas as instituições do ensino superior privado estão a fazer o acompanhamento dos alunos em Erasmus", assegura Miguel Copetto, explicando que há monitorização feita através dos gabinetes de relações exteriores que em alguns casos estão a aconselhar o isolamento de quem veio de zonas de risco ou teve contacto com pessoas infetadas.

Miguel Copetto só lamenta que a informação da DGS para os planos de contingência não tenha sido feita a pensar nas especificidades do ensino superior. "Infelizmente, não houve indicações específicas sobre planos de contingência. Foi preciso adaptar o plano que havia para as empresas."

2 milhões de alunos em casa

Na terça-feira, dia de fecho desta edição, aguardava-se com expectativa a reunião do Conselho Nacional de Saúde Pública com o Governo. Daqui vai sair a decisão de fechar ou não todas as escolas do País. Se houver um encerramento, e contando com os estudantes universitários, serão mais de 2 milhões de alunos sem aulas. Como se fossem férias de verão, em março.

Uma das incógnitas são os exames e as provas de aferição. Fonte oficial do Ministério da Educação explica

TIAGO SOUSA DIAS

O ensino à distância, por videoconferência, está a ser uma das soluções adotadas pelas instituições de ensino superior

Vida social em risco

Há um grupo da DGS que dá recomendações sobre eventos

Futebol

Europeu ameaçado

Agendado para 12 de junho, o Euro 2020 está previsto que decorra em 12 cidades de 12 países europeus. Está em risco de ser cancelado. Já há jogos a decorrer à porta fechada.

Televisão

Programas sem público

Há vários formatos de *daytime* que vão ser feitos sem audiência, nomeadamente na RTP.

Moda e cultura

E os Santos?

Para já, não há restrições em bares e discotecas, mas já se especula o que irá acontecer a eventos como o 13 de maio, os Santos Populares ou a Feira do Livro de Lisboa.

Máscaras

A OMS prevê que 89 milhões de máscaras cirúrgicas serão necessárias mensalmente para os profissionais de saúde

NÃO HAVIA PLANO DE CONTINGÊNCIA PARA O ENSINO SUPERIOR. TEVE DE SE ADAPTAR O DAS EMPRESAS

Data: 12.03.2020
Titulo: ESTADO DE EMERGÊNCIA NACIONAL
Pub: SÁBADO
Tipo: Revista Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 1;6;36;37;38;39;40;41
Área: 7830cm²/ 150%
Tiragem: 100.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6770856

JOSÉ SENA GOULÃO/LUSA

Graça Freitas garantiu na terça-feira que ainda não estamos na última fase de contágio. Ainda não há transmissão comunitária

à SÁBADO que qualquer medida que venha a ser tomada "vai depender da evolução da situação". Mas nas escolas já há quem olhe para os piores cenários. "O bom senso ditaria que não houvesse provas de aferição", defende o professor Paulo Guinote, explicando que se o encerramento de escolas for superior aos 15 dias das férias da Páscoa, o calendário vai começar a apertar, com as reuniões de notas e a necessidade de garantir o intervalo entre os exames a tornar mais difícil que tudo se mantenha como previsto.

Filinto Lima presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas, diz que se a epidemia de covid-19 obrigar a um encerramento prolongado, "cada escola terá a sua solução para recuperar as aprendizagens". Aulas de recuperação são uma solução. Outra alternativa para os alunos não perderem matéria é mandar materiais de estudo e trabalhos de casa pela Internet. É o que tem estado a acontecer com alguns alunos do Agrupamento de Escolas Roque Gameiro, na Amadora, que estão em isolamento desde sexta-feira, depois de serem detetados três casos positivos (uma professora e dois alunos).

A resposta aos problemas que estão a ser postos pelo novo coronavírus podem ser muito diferentes, porque as escolas públicas têm autonomia para decidir quase tudo. Até agora, o Ministério da Educação tem remetido para as escolas apenas as orientações que vêm da DGS. "As instruções gerais têm estado a ser dadas pela DGESTE (Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares) com base na DGS", diz fonte oficial do Ministério, que adianta que além das recomendações emitidas pela autoridade de Saúde, houve apenas uma recomendação "para ponderar visitas de estudo e evitar deslocações não essenciais".

Uma coisa era dada como certa: a parte do plano de contingência da DGS que põe a hipótese de tentar impedir o contágio sem interromper as aulas através da "redução do tamanho das turmas" ou aumentando "o espaço entre alunos" é vista como inviável pelos professores. "Isso não faz sentido nenhum. Os miúdos cruzam-se nas escadas, brincam, o risco maior não é sequer nas aulas", acredita Paulo Guinote. "As turmas já são grandes e as salas já estão cheias. Será impossível cumprir isso. Se se der a opção entre uma coisa e outra, será melhor encerrar", reage Filinto Lima.

MEDIDAS COMO A REDUÇÃO DO TAMANHO DAS TURMAS SÃO INEFICAZES PARA CONTER A COVID-19

COMO O GOVERNO ESTÁ A GERIR A CRISE

Há duas semanas que todos os dias às 8h30 da manhã há reunião no Ministério da Saúde. O tema é sempre o mesmo: a covid-19 e os trabalhos começam com um ponto de situação, antes de se avaliarem as medidas a adotar. À volta da

TIAGO PETINGA/LUSA

Data: 12.03.2020
Titulo: ESTADO DE EMERGÊNCIA NACIONAL
Pub: SÁBADO
Tipo: Revista Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 1;6;36;37;38;39;40;41
Área: 7830cm²/ 150%
Tiragem: 100.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6770856

mesa estão sempre ou a ministra ou o secretário de Estado, Graça Freitas, o presidente do INEM, o presidente dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde (a entidade que gere a Linha Saúde 24), o presidente da Administração Central do Sistema de Saúde, o presidente do Infarmed e o presidente do Instituto Nacional Ricardo Jorge.

António Costa vai sendo informado a cada instante. "A articulação com o primeiro-ministro é feita ao minuto", diz fonte oficial do Ministério da Saúde. O WhatsApp tem sido uma ferramenta essencial para a informação circular dentro do Governo. "Está tudo em rede. Não é preciso haver reunião para as pessoas falarem."

Mesmo assim, António Costa reuniu uma espécie de gabinete de crise na terça-feira, com oito ministros (Saúde, Economia, Educação, Finanças, Administração Interna, Negócios Estrangeiros, Planeamento e Infraestruturas). "A reunião foi marcada para fazer uma avaliação e preparar o Conselho Europeu", explica à **SÁBADO** fonte oficial do gabinete do primeiro-ministro. Sinal dos tempos marcados pela epidemia: o Conselho Europeu que se seguiu foi feito por videoconferência.

O primeiro-ministro António Costa e a ministra da Saúde estão em contacto permanente

Mas nem por isso o Governo tem alterado a agenda. Um dia antes, Augusto Santos Silva, tinha estado numa das cidades que sabe terem já infetados em Espanha, Madrid.

No fim da reunião, Costa repetiu aquilo que parece ser já um mantra do Governo quando se fala de covid-19. "Adotaremos as medidas que os técnicos considerem justificadas. Não é uma matéria de opção política." Em todos os Ministérios, as orientações são exatamente essas: as decisões são sempre guiadas pelo parecer técnico da DGS. "A primeira e a última palavra é da DGS", diz fonte oficial do gabinete da ministra da Saúde.

A resposta à epidemia implica recursos e isso significa dinheiro, mas no Governo assegura-se que até agora nenhuma decisão foi bloqueada por Mário Centeno. "O Ministério das Finanças tem mantido contactos regulares com o Ministério da Saúde e com os restantes ministérios e assegurado os procedimentos necessários no sentido de garantir uma resposta coordenada no cumprimento de todas as medidas que têm vindo a ser adotadas pelo Governo no âmbito da prevenção e respostas à covid-19", diz à **SÁBADO** fonte oficial do Ministério das Finanças. Já se sabe desde a semana passada que Bruxelas vai flexibilizar o cumprimento do Pacto de Estabilidade e Crescimento, pelo que essa é uma dor de cabeça a menos para as Finanças. O gabinete de Centeno não esclarece, porém, se está já a ser equacionada a necessidade de fazer um Orçamento Retificativo para fazer face às despesas que poderão vir a ter de ser suportadas pelo erário para enfrentar o vírus. Embora, no fim do dia de terça-feira, António Costa tenha assegurado que não está previsto um orçamento retificativo.

Para já, a informação é a principal estratégia do Governo para lidar com a crise: desde terça-feira que é divulgado um boletim epidemiológico todas as manhãs até às 11h (com o número de casos confirmados e à espera de confirmação) e uma conferência de imprensa diária com Graça Freitas às 18h30.

AMEAÇA GLOBAL

POR EDUARDO DÁMASO

Proporcionalidade e adequação. Tem sido esta – e bem – a regra de reação do Governo e dos responsáveis pela saúde pública à propagação do coronavírus. Conhecendo as muitas fragilidades do Estado em cenários de emergência, seja de fogos florestais ou de crises de saúde pública, as autoridades têm sabido gerir a progressividade das medidas, evitando, dentro do possível, uma lógica de pânico coletivo. Fazer outra coisa seria somar irresponsavelmente mais problemas aos que já existem nas organizações, em particular no Serviço Nacional de Saúde, e aos muitos que a epidemia de coronavírus traz.

A resposta pública tem procurado manter-se dentro de regras essenciais de bom-senso e sangue-frio na organização e na comunicação. E isso é decisivo para enfrentar uma crise global que, se for muito prolongada, pode ter um efeito devastador na economia real portuguesa e europeia.

António Costa sintetiza bem o que está em causa, ao sublinhar a imperiosa necessidade de evitar que à epidemia do vírus se junte uma epidemia económica. É que se o coronavírus é um enorme problema, uma recessão mundial é um pesadelo infinito.

Será socialmente insustentável se viermos a ter de enfrentar uma espécie de tempestade perfeita. Se ao medo pela saúde se somar o medo pela perda de emprego e de rendimento, no cenário de uma crise mundial que pode ser muito maior que a de 2008. Trata-se de uma dupla penalização para as populações, em particular as classes médias e as mais desprotegidas.

Em poucas semanas, esta epidemia volta a desafiar não apenas a Europa mas todo o mundo, incluindo os EUA. Donald Trump, na sua linguagem primitiva, reduzia tudo a *fake news* mas enfrenta agora uma crise que pode ser sem precedentes.

Nesta altura, sem alarmismos, há que ter a noção da magnitude do problema. Este coronavírus pode vir a transformar-se numa gripe sazonal e diminuir a sua capacidade letal para níveis próximos desta velha infeção. Mas enquanto isso não acontecer a economia mundial está no fio da navalha. Este é o primeiro grande teste à globalização económica, que mostra aqui a sua face mais frágil. E nesse plano, os mercados financeiros mostraram, mais uma vez, que estão muito longe da ideia de serenidade que é essencial face a uma sacudidela desta dimensão. As Bolsas projetaram o pânico de forma global, evidenciando muito claramente o medo do capital financeiro de perder os seus lucros. Se alguém tiver de salvar o mundo já sabemos que não será dali que virá a solução.

Data: 12.03.2020
Titulo: ESTADO DE EMERGÊNCIA NACIONAL
Pub: SÁBADO
Tipo: Revista Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 1;6;36;37;38;39;40;41

Área: 7830cm²/ 150%
Tiragem: 100.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6770856

Destaque

O IMPACTO ECONÓMICO DO COVID-19

VEM AÍ A PALAVRA COME

O choque forte é certo, resta saber se será apenas temporário. O turismo está na linha da frente – com perdas de receita superiores a 30% –, mas está longe de ser o único setor afetado. Por **Bruno Faria Lopes**

O turismo está com quebras acentuadas e trata-se de uma área que vale cerca de 14,6% da economia portuguesa

Maria estava satisfeita por recomeçar a trabalhar depois de um período longo à procura de um "emprego a sério", mas foi sol de pouca dura. O contrato no operador turístico Living Tours começava este mês, mas não chegou a ser concretizado. Maria e outros trabalhadores foram dispensados. "Estão a ter vários cancelamentos por causa do coronavírus, foi essa a razão que nos deram", explica Maria, que prefere não dar o nome verdadeiro. Fonte da direção comercial da empresa admite o aumento dos cancelamentos e a diminuição das reservas, optando por dizer que não foram feitas as contratações programadas (Maria fala em 25 pessoas, a empresa não confirma). Para ela, a próxima paragem é o centro de emprego. "A uma colega minha que já lá foi disseram que têm vários pedidos de subsídio de pessoas na situação dela", conta à SÁBADO.

O turismo é a linha da frente do choque económico provocado por uma crise de saúde pública, como a do novo coronavírus. São vários os sinais de pressão forte sobre uma área que vale cerca de 14,6% da economia portuguesa e quase 10% do emprego. A associação da indústria hoteleira, a AHP, aponta uma perda de receita superior a 30% até 9 de março. Não são só os cancelamentos a pesar – é o recuo grande nas novas reservas. Sara Dias, que gere sete apartamentos de alojamento local (AL) em Lisboa e no Porto, aponta uma taxa de 20% de cancelamentos e já pensa pôr o foco em turistas ibéricos para mitigar as perdas, esperando que o receio de ficar em espaços partilhados, como hotéis, seja maior do que o de arrendar um AL. Na aviação, a sangria é enorme: a TAP cancelou mais de 3.500 voos entre o fim de fevereiro e 9 de março.

No Governo, a perspetiva é de que o choque económico será inevitável, mas temporário. "As férias canceladas na época da Páscoa não podem ser recuperadas – é assim no turismo, noutros setores pode haver recuperação", diz uma fonte governativa. A opinião de que o choque é temporário não é isolada, mas a dimensão da que-

PARA AGUIAR-CONRARIA É "DIFÍCIL CONCEBER COMO O CHOQUE PODE NÃO SER ENORME"

Mercado
O choque do vírus apanha o mercado imobiliário num pico de valorização. Os juros baixos ajudam a suster os preços, mas a quebra momentânea da atividade pode ter efeito nos preços

Crash
Segunda-feira negra: no dia 9 de Março as bolsas caíram como não se via desde a crise de 2008. A Bolsa de Lisboa perdeu 5 mil milhões de euros e o PSI 20 caiu 8,66%

As Bolsas de Londres, Paris, Frankfurt e Madrid desvalorizaram mais de 8%

TIMOTHY A. CLARY/AFP/GETTY IMAGES

Data: 12.03.2020
Titulo: ESTADO DE EMERGÊNCIA NACIONAL
Pub: SÁBADO
Tipo: Revista Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 1;6;36;37;38;39;40;41
Área: 7830cm²/ 150%
Tiragem: 100.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 6770856

ÇADA POR "R"?

Efeitos práticos do vírus no seu bolso
Os seguros de saúde não cobrem doenças como o coronavírus, aponta a Deco (a seguradora MGEN é uma exceção). Já os de vida não têm exclusões nesta área: no pior cenário, pagam

FILIPA COUTO

bra é realçada pelos economistas. "O nosso cenário central é de um choque temporário e significativo no primeiro trimestre, com possibilidade de afetar também o segundo trimestre, e recuperação posterior", afirma Paula Carvalho, economista-chefe do Banco BPI. Para Luís Aguiar-Conraria é "difícil conceber como o choque pode não ser enorme". O investigador e professor na Universidade do Minho, que fechou no início de março, dá um exemplo próximo. "A minha mulher trabalha numa empresa que gere oficinas de automóveis e desde a semana passada que deixou de ter clientes", conta.

Travar a fundo

Os três choques. No editorial de 7 de março, a prestigiada revista científica *The Lancet* pedia aos governos que "abandonem os medos de consequências económicas e públicas de curto prazo" e apliquem medidas mais "assertivas" de contenção do vírus. Aqui mora o primeiro choque: o que é necessário para matar o vírus, a travagem a fundo da circulação e concentração de pessoas, mata também a economia. O economista Simon Wren-Lewis estima que o fecho de escolas por quatro semanas multiplique por três o efeito contracionista na economia britânica – até ao fecho desta edição a medida estava em estudo nas escolas portuguesas. A ação dos Governos é o primeiro choque, a que se junta o segundo: o medo das pessoas. Este tem impacto na procura de vários bens e no investimento.

Tome nota
Os juros dos créditos deverão continuar baixos. O BCE vai intensificar os estímulos às economias por causa do vírus. A Comissão Europeia anunciou 25 mil milhões de euros num programa contra a recessão

Estes choques estão a acontecer nas maiores economias do mundo: China, Itália, Alemanha, França, Reino Unido, Japão e Estados Unidos, todos com surtos graves de coronavírus, valem 60% da procura e oferta em todo o mundo e 41% das exportações da indústria global.

A evolução virtuosa da economia portuguesa, que fez crescer o peso das exportações no PIB de 28% desde 2003 (data da epidemia do vírus SARS) para 44% em 2019, acaba por expor mais o País também por esta via: o contágio a partir do exterior.

O turismo pode ser a linha da frente, mas quem exporta vai também sofrer e a dor vai parar ao sistema arterial da economia, a banca. "O crédito malparado vai necessariamente aumentar", aponta o economista e investigador Fernando Alexandre. A banca vai sofrer, ainda, por via da intensificação das taxas de juro negativas para tentar suster a economia – estes, tal como a descida dos custos dos combustíveis, são dos poucos efeitos secundários positivos para os portugueses.

Os economistas ouvidos pela SÁBADO sublinham a dificuldade em prever a força do golpe. "Vai depender também da resposta política", diz Fernando Alexandre, referindo-se às medidas de apoio às empresas e aos bancos. O melhor cenário é o de um choque temporário na economia e no emprego, seguido de recuperação gradual.

Mas não é de excluir que a força do choque mude o sentimento económico de forma permanente, o que se começa a ver no outro canário à porta da mina nestes momentos: os mercados financeiros. Em Portugal, o índice bolsista PSI-20 perdeu 3,64 mil milhões de euros em oito dias – lá fora a sangria foi idêntica. "A volatilidade no mercado acionista interessa" à economia real, diz Paula Carvalho. Afeta o património de quem investe – e, potencialmente, o consumo – e aumenta a aversão ao risco, dificultando o financiamento e o investimento. Se for este o caso teremos aí a temida palavra começada por "r": recessão.

SERGIO LEMOS

A TAP já cancelou 3.500 voos. Suspendeu todos os voos para Itália até 8 de abril

Centeno
Crescimento bem abaixo dos 1,9% previstos pelo Governo vai ter impacto no Orçamento